Estudantes fazem defesa dos sapos

A Notícia, domingo, 11nov2001 –Cad. Cidade

http://www.an.com.br/2001/nov/11/0cid.htm

Escola Agrícola conhece projeto desenvolvido em Corupá

Arlei Zimmermann

Alunos de duas turmas da 6ª série da Escola Agrícola Municipal Carlos Heins Funke, de Pirabeiraba, saíram da rotina quarta-feira. Ao invés das tradicionais aulas, passaram o dia em palestras com 28 alunos da Escola Básica São José e Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Mees, de Corupá (no Vale do Itapocu), envolvidos no projeto Crianças Salvando os Anfíbios e a Mata Atlântica. O tema foi a mortandade de sapos atacados por carrapatos.

Patrocinado pela Fundação O Boticário de Proteção à Natureza e idealizado pela educadora ambiental Elza Nishimura Woehl, 42 anos, e pelo marido dela, o cientista Germano Woehl, 40 anos, o projeto existe desde o início do ano e já conta com a participação de 370 alunos. "Todos eles trabalham voluntariamente", explica Elza. Na quarta-feira, durante a visita na escola agrícola, os estudantes de Corupá relataram as experiências realizadas por eles até o momento e apresentaram os resultados parciais do monitoramento aos sapos, feito em suas residências, nas áreas urbana e rural de Corupá. Segundo a educadora ambiental, durante três meses as crianças pesquisaram 1.038 sapos atacados por carrapatos. "Este trabalho é inédito no Brasil e os resultados estão sendo preparados para publicação e apresentação em congressos no País e no Exterior", informa Elza.

Ela diz que observar animais (sobretudo as aves) em áreas urbanas é uma atividade comum nos programas de educação ambiental dos países de primeiro mundo. "Os animais são considerados indicadores de qualidade do meio ambiente (bioindicadores). Qualquer problema com eles serve de alerta para as pessoas que compartilham o mesmo meio ambiente", alerta Elza.

Sapo também tem seu valor no meio

Conforme a educadora Elza Woehl, por ter pele altamente permeável, qualquer agente químico contaminante é rapidamente absorvido pelo organismo do sapo e produz efeitos imediatos. Integrante do projeto, Diego Francisco de Mira da Cruz, 10 anos, diz estar gostando muito do trabalho. "Aprendi a valorizar os sapos. Agora sei que a gente não pode prejudicá-los, pois eles comem insetos, muitos deles transmissores de doenças", ensina. Tatiana Venera Kusinski, 11, diz que tinha medo e nojo. "Agora lido com eles com a maior naturalidade".

O diretor-adjunto da Escola Agrícola Carlos Hens Funke, Cícero Gomes dos Santos, 36, elogia o projeto. "Tudo que é voltado à preservação ambiental tem de ser divulgado e aceito". (AZ)